

2
S.C. 1
8939
Samuel Maia de Loureiro

Accção das Cantinas Escolares

CONFERENCIA DE PROPAGANDA /

DA

Cantina Escolar de Alcantara

REALISADA A PEDIDO DA SUA COMMISSÃO INSTALLADORA

JUNHO DE 1909

LISBOA
INSTITUTO GERAL DAS ARTES GRAPHICAS

Sociedade Cooperativa, Limitada

RUA DAS PRETAS, 17

1909

50.
12.
8939

Samuel Maia de Loureiro

Accção das Cantinas Escolares

CONFERENCIA DE PROPAGANDA

DA

Cantina Escolar de Alcantara

REALISADA A PEDIDO DA SUA COMMISSÃO INSTALLADORA

JUNHO DE 1909

LISBOA

INSTITUTO GERAL DAS ARTES GRAPHICAS

Sociedade Cooperativa, Limitada

RUA DAS PRETAS, 17

1909

MEUS SENHORES :

Conhecer bem uma doença é meio caminho andado para lhe encontrar remedio. Não deve por isso julgar-se perdido o trabalho empregado em estudar nos minimos detalhes quanto affecte os organismos, sejam elles individuaes ou collectivos. Pode esse estudo às vezes levar a conclusões desagradaveis aos nossos sentimentos, aos nossos desejos, ou ao nosso amor proprio, quasi nos tentando a desviar os olhos da verdade cruel, para nos deixarmos suggestionar por uma illusão hypocrita que nos permite fugir á lucta violenta, imposta pela realidade. Mas a covardia perante uma dor grande, só serve para conduzir a dôres muito maiores.

Tendo sempre presente esse perigo, nunca devemos permittir que nos alliviem os quadros das tintas escuras, quando se falar da nossa situação collectiva.

E essa situação, seja qual fôr o ponto de vista por que se encare, não deve deixar-nos tranquilllos.

As varias funcções reguladoras da vida social acham-se n'um estado de crise grave e profunda.

Em Portugal não ha educação, nem disciplina, não se trabalha com sciencia nem com persistencia, vive aqui um povo cheio de fome e de miseria, analfabeto e inconsciente.

Não se trata de fazer o pessimismo agora tanto em voga nas castas preponderantes e, segundo a regra, inconscientes, mas apenas de enumerar os mais importantes symptomas do mal de que soffremos e cujo remedio não será difficil de encontrar, se o doente não fôr casmurro e não teimar em se deixar morrer.

Trato sómente de apresentar o que a minha observação me dá. Não estarei talvez com o dedo na verdade, mas estou com a mão na consciencia. Ora segundo o criterio que possuo, bom, ou mau, comparando o meu paiz com os outros por onde tenho andado e vendo as differenças que nos affastam da sua melhor situa-

ção, acho no estudo do quadro que lhes tracei, o caminho por onde podemos chegar á posse da felicidade relativa em que esses se encontram.

Vejam os se este povo depois de matar a fome e a miseria, de ter aprendido a ler e a trabalhar, depois de educado e bem disciplinado, se poderá erguer á altura dos outros que fazem a honra da humanidade. Vejam os se existem motivos, que não os de raça, sufficientes para explicarem o nosso estado social.

Veremos depois se haverá a possibilidade de realizar uma transformação que baste para nos garantir um logar honroso, mantendo-nos em linha de egualdade no convívio mundial.

Para irmos com methodo, guiamo-nos pelas necessidades da natureza, começando pelo mais urgente, isto é, attendendo ao animal.

O portuguez é um animal faminto e um homem cheio de miseria.

Porquê?

São as nossas leis que assim o mandam, como se vae ver.

A subsistencia entre nós é cara, todos os generos de primeira necessidade teem um preço elevado, sem que os salarios mantenham com elles a relativa correspondencia. O pão, a manteiga, a carne, o leite, o arroz, as farinhas, todos os alimentos em summa ricos em materias nutritivas são mais caros em Portugal do que na Suissa, na Hollanda, na Belgica, na Dinamarca, na Inglaterra e na França, isto é, em nações das mais civilizadas do mundo e tambem das mais prosperas e felizes.

Isto é um facto que muito facilmente se prova com algarismos, assim como tambem se pode ver do mesmo modo que n'esses paizes os salarios são eguaes, ou maiores que os salarios em Portugal.

Sendo assim e admittindo que os homens portuguezes devem ter necessidades alimentares eguaes ás dos homens d'esses paizes, logo se deve prever que no nosso se deve padecer de fome. Sabe-se ainda que por lá as classes trabalhadoras se mostram pouco satisfeitas e clamam contra a carestia da vida, defendendo-se por meio de cooperativas para a diminuição da despeza, fazendo greves, ou reclamando por outros meios, augmento de receita. Ora no nosso paiz o cooperativismo não é prospero, como não são prosperos os movimentos associativos de ordem nenhuma, quasi levando a crer que o portuguez é um ser insociavel.

Portanto a insufficiencia alimentar não pode deixar de existir. Conclue-se pelo raciocinio summario que acabam de ver.

Succede então aqui um facto extranho que traduz seguramente um desarranjo, ou má organização da machina social. Vamos a ver se encontramos a explicação do caso singular.

Comecemos pelo pão. Por que será elle caro?

Porque o paiz produz pouco e não sabe, ou não pode produzir-o barato.

E' talvez mau o terreno, ou improprio para a cultura, rudimentar essa cultura, mal dirigida, mal administrada, seja o que fôr, o facto é que o genero agricola é caro.

Mandaria a boa razão n'esse caso, visto tratar-se d'uma necessidade imperiosa, ir buscar o pão onde custasse menor preço. Mas eis que se levanta uma contenda.

D'um lado estão os interesses d'um povo inteiro que tem necessariamente de comer, d'outro os interesses egoistas d'uma minoria d'agricultores que indispensavelmente querem lucros. D'um lado a logica pela lei natural, do outro a theoria pelo artificio social. Contra o direito de mais de cinco milhões de individuos oppõe-se o despotismo de mil, de cinco mil, de cem mil se quizerem.

Quem prevaleceu? Já o sabem pela dura experiencia sendo portanto desnecessario dizel-o.

Trouxeram-se, é claro, os piedosos argumentos de que é preciso proteger o producto nacional. Proteger é, como quem diz, pagar um tributo.

Ora porque motivo hão de mil individuos pagar em proveito d'um só esse oneroso encargo? Que serviço dá em troca o beneficiado?

Apparece ainda a razão de que se o pão estrangeiro entrasse livremente, a terra portugueza ficaria impossibilitada de o produzir. Nunca mais se poderia cultivar um grão de trigo! E' este o mais aterrador argumento com que se pretende pôr ponto na questão. E' verdadeiro, tem razão de ser, não tem? Mas supponhamos que é. Para cinco milhões de portuguezes poderem comer pão barato, é preciso que o paiz desista da cultura do trigo. Aceitemos a these como verdadeira.

Se o fosse morreriamos todos, haveria algum cataclysmo, acabar-se-hia o mundo?

De duas, uma: ou a terra portugueza tem as qualidades precisas para produzir pão e n'esse caso trate de o produzir em condições que possam luctar com a concorrência, ou não tem e n'esse caso parece mais pratico ver bem qual seja o seu prestimo. E' sempre um erro contrariar a natureza.

Se ella não manda produzir pão, produza-se uvas, batatas, cebolas, flores, ou o que ella indicar e se por ventura demonstrar que nada d'isso pode produzir e apenas tem força para dar pinheiros, faça-se a sementeira d'um grande pinhal de Faro até Bragança.

Não se assustem, porém, com o paradoxo, nem vão imaginar tão safaro o terreno do paiz que deante d'elle mais valha crusarem-se os heroicos braços que o teem resolvido com mesquinho proveito.

Pelo contrario, senhores, esta orla de terreno do Occidente da Europa, pelos portuguezes habitada, dispõe de energias e qualidades que nunca foram aproveitadas e bastariam, se o fossem, para

encherem de ouro as mãos vigorosas que tão ingloriamente a cultivam. A terra anda contrariada, permittam-me a phrase, e deve estar muito aborrecida da teimosia, pouco intelligente d'aquelles que lhe pedem o que ella não pode dar.

Sendo tão prodiga em legumes, tão generosa na sua producção, dando mesmo a entender que os crearia durante todo o anno, se soubessem pedir-lh'os com o devido geito, para que ha de insistir-se, teimar-se com tanta impertinencia no pão, e só no pão?

Um jornal de Bruxellas, *Le Soir*, de 15 de junho ultimo, publica uma interessante chronica, onde se narra a optima recepção que tiveram n'aquelle mercado as batatas portuguezas. Bateram todas as outras. Enquanto as nossas existiram as italianas e as francezas foram arredadas. Porquê? Pela simples razão de que as portuguezas eram mais baratas.

Alguma coisa d'aqui se conclue já, mas a chronica ainda dizia mais que pode interessar-nos.

O feijão vendeu-se n'esse dia a 170 réis o kilo ao revendedor. Na mesma data em Lisboa vendia-se ao consumidor a 50 réis.

Trata-se, é evidente, do feijão verde e não d'esse outro feijão, creado e maduro, que, segundo o chronista nos conta, na Belgica appellam de *piano do pobre*.

Não preciso fazer comentarios. Todas as intelligencias comprehendem o que poderia valer a terra portugueza se fosse explorada segundo as suas indicações.

Assim se faz em toda a parte onde se não vive ao sabor das theorias, mas apenas segundo as deducções dos factos, d'accordo com as conclusões a que um estudo bem orientado conduz.

Ahi temos por exemplo a Hollanda fazendo a cultura dos jacintos em extensões de terrenos que poderiam conter grandes cearas, e onde seriam metidos á força muitos moios de trigo se por lá governasse a mania portugueza.

Não pretendo falar-lhes agora na belleza que esses campos patenteam na estação das flores, attrahindo *touristes* curiosos do raro effeito decorativo que o paiz offerece n'essa occasião. Desejo apenas fazer-lhes notar o aproveitamento que se fez das condições excepçionaes do clima e do terreno para a cultura do jacinto que não se come, nem se bebe e apenas serve para deliciar os olhos de todo o mundo que aprecia uma flor bella.

Em todo o caso, e apesar d'estes factos não serem mysteriosos, a lei dos cereaes existe em Portugal e ha de existir enquanto uma corrente de vesania soprar n'este paiz, impondo-lhe leis contra a natureza.

Para que se ha de viver do artificio? Para que se ha de consumir a existencia em luctas inglorias que apenas servem para cortar á vida uma parcella de felicidade e de prazer?

Não tenhamos duvida, o imposto protector lançado sobre o pão é uma violencia injustificavel.

Não ha razão nenhuma que possa obrigar uma colossal maioria a pagar um tributo em beneficio exclusivo d'uma minoria insignificante, que á sombra d'elle não trata de progredir, melhorando o trabalho e a producção, mas apenas o aproveita para gosar as delicias do monopolismo.

E o que está dito para o pão applica-se á carne, á manteiga, ao assucar e muitas cousas mais, egualmente necessarias e egualmente prohibidas ao povo portuguez.

*

* *

A questão das carnes, de tão diversos modos e feitios discutida e baralhada, foi ha tempos posta com toda a clareza pelo sr. Miranda do Valle n'uma conferencia realisada na Associação de Agricultura.

Faço a todos os que me ouvem a justiça de acreditar que d'ella tomaram conhecimento. Mas se por ventura algum dos que aqui estão ainda não ponderou as ideias expostas pelo honesto conferente, recommendo-lhe que sem demora se informe, porque o assumpto é da maxima importancia.

O sr. Miranda do Valle é contra todas as peias e artificios com que se pretende entrar a livre concorrência. Outra cousa não podia sustentar um espirito moderno e uma consciencia dedicada ao bem do seu paiz. Quando se estuda a questão com intelligencia e dominado por um são criterio de justiça, não se pode comprehender a violencia de cerrar por completo aos extranhos as portas do mercado nacional que, o mesmo é, prohibir o povo de se alimentar bem.

Forçal-o a alimentar-se apenas com os productos do paiz é lançal-o nas mãos da usura.

O genero nacional é escasso. E' mediocre a offerta e grande a procura, d'onde provem o que sempre succede em casos taes, isto é, o productor augmenta os preços e não gasta cuidados em melhorar a producção.

Depois, n'um paiz como o nosso habitado por uma multidão ingenua e ignorante, sem noções commerciaes, incapaz de se servir dos modernos processos de permuta, não pensando em se organizar para resistir á gula dos parasitas, tudo está disposto para abrir caminho franco aos lavradores e meageiros para o pão, aos creadores e marchantes para a carne e assim successivamente, uma serie infinita de monopolios disfarçados, cahindo em cima do consumidor como nuvens de moscas varejeiras sobre o cadaver de um burro podre.

Todas as forças se congregam para transformarem a existencia do trabalhador n'um calvario de dores, n'uma escravidão de sordida miseria.

As leis são estupidas, os que as applicam são barbaros, os que as sustentam são maus, e os que as supportam são tolos. D'um tal estado são logicos os resultados que se observam.

A fome com todas as suas derivadas é a consequencia fatal do principio montruoso que não deixa ir comprar o pão e a carne onde são mais baratos.

Ainda assim não são esses dois alimentos de primeira necessidade os mais perseguidos.

Veja-se o que se passa com a manteiga e com o assucar.

Em artigos do *Seculo* já tentei demonstrar quanto era abusivo e prejudicial á alimentação publica o direito vergonhoso de 300 réis em kilo que pesa sobre as manteigas importadas.

Peço licença para não repetir o que já disse no jornal, onde tentei provar que a criação forçada e artificial da industria da manteiga tinha muito de idiota. Resumo-lhes comtudo o meu modo de vêr.

O melhor emprego do leite é bebel-o puro e completo. Fazer manteiga é desvalorisal-o, sendo portanto um erro economico grave transformar em producto de menor valor, um genero que poderia ser utilisado tal como a natureza o dá. Dá mais lucro vender leite a 60 réis o litro, do que fabricar manteiga para ser paga a 1\$000 réis ou 1\$200 o kilo. As contas são faceis de fazer sabendo-se que para se obter um kilo de manteiga em termos são precisos 25 a 30 litros de leite.

Ora em Portugal ha muitas terras onde não se bebe leite porque não chega até lá e nas terras onde se bebe, não se gasta mais porque é caro e mau.

Estão vendo como a criação da industria prejudica o paiz economicamente, concorrendo pelas leis que a impõem, para a fome nacional, como todas as outras similares.

Pois não seria melhor, para os seis milhões de portuguezes, comprar a manteiga nos paizes que se veem forçados a fabrical'a pela excessiva super-abundancia de leite deixando-se o pouco que temos para a alimentação publica?

Não o entenderam porém assim, nem o entenderão tão cedo os bachareis que enchem o parlamento com a eloquencia das suas theorias.

*
* * *

Mas o cumulo n'esta magna questão da alimentação do trabalhador é o preço do assucar.

Este genero é considerado hoje de primeira necessidade, digamos até de extrema necessidade.

Todos estão fartos de ouvir comparar o homem a uma machina a vapor.

Pois dentro d'essa comparação e sem prurido de fazer phrase,

não cometto nenhum exagero, chamando ao assucar o carvão da machina humana.

E' um alimento de combustão, o mais perfeito de todos para o trabalhador queimar durante o exercicio do trabalho muscular.

Queimar, notem bem, é este o termo preciso porque o homem quando trabalha queima o alimento como a machina a vapor queima o carvão.

Na machina a vapor o carvão transforma-se em calor e este em movimento. Pois no homem succede precisamente o mesmo, pela razão de que a natureza em toda a parte é identica a si mesma.

Ora sabem muito bem que na machina a vapor o carvão pode ser substituido por lenha, poderá ser substituido por palha, ou por qualquer coisa combustivel, havendo apenas a notar a differença de que o carvão de pedra é entre todos os combustiveis aquelle que em menor volume guarda o maior numero de calorías, isto é, o que produz mais calor. Pois com o assucar estabelecem-se para o homem as mesmas proporções, relativas a outros alimentos.

Apesar d'isso o assucar custando, posto no Tejo, entre 40 e 60 réis o kilo, vende-se ao consumidor entre 240 e 280. Porquê?

Porque a alfandega pede á sua parte, 160 réis por cada kilo vendido em Portugal.

Meus senhores aqui estamos em face do inimigo. Aqui temos o monstro insaciavel de sangue que devora todas as energias do povo portuguez.

Eis o inimigo do progresso, a causa da nossa ruina, o pesadelo de toda a nossa vida, o ladrão do nosso bem estar.

A origem de todos os males que flagellam a nação portugueza é o fisco.

Queimar a pauta das alfandegas seria o acto mais patriotico que n'este paiz se podia praticar. Enquanto ella existir, tal como agora a temos, todo o progresso será impossivel.

Podemos mudar de constituição politica, subverter o regimen, dissolver os partidos, criar partidos novos, virarmo-nos do avesso, voltar á antiga forma, tudo o que quizerem, mas em quanto Portugal não fôr um paiz livre cambista, como todas as pequenas nações da Europa, continuaremos isolados do mundo, nullos perante a civilisação moderna.

E' esta a minha convicção.

O fisco pesando sobre os generos de primeira necessidade e prohibindo o povo de ir procurar o alimento onde lhe seja mais vantajoso, impõe a fome, originando todos os males que affligem a familia portugueza.

O trabalhador alimentando-se mal, produz pouco, o seu trabalho não rende. E' um facto que a physiologia esclarece, pondo-se

de accordo com todas as regras conhecidas da transformação das forças naturaes.

Não haveria engenheiro, nem mesmo um simples contra-mestre de machinas que pensasse em obter a mesma energia d'um motor depois de lhe diminuir a ração normal do combustível. O que tal fizesse, cometteria um erro economico que o mais elementar bom senso não perdoaria. Pois é justamente o erro que se comette quando por qualquer meio se cerceia a alimentação do homem de trabalho. A carestia do genero rico em valor nutritivo é a desvalorisação do homem.

E' ali que devemos procurar a causa principal do exagerado custo de mão d'obra em Portugal, buscando as outras nas suas directas consequencias.

Sendo cara a mão d'obra fazem-se menos obras, quer dizer, produz se menos riqueza. E sendo assim cara a producção, a iniciativa retrahe-se, as emprezas raream, o consumidor cohibe-se.

Estamos vendo que bastaria o fisco intrometter-se no mercado do producto alimentar, para se estabelecer a perturbação na vida economica do paiz e criar o mal estar.

Mas o homem não vive só de pão. Viver não é apenas comer. A familia tem de se vestir, e de habitar n'uma casa provida do indispensavel arranjo. Ora já perceberam que a producção em Portugal não pode ser barata. Todas essas necessidades são satisfeitas por preços muito mais elevados que nos paizes que lhes citei. Um operario inglez pode vestir-se por menos de um terço que o operario portuguez. Em prova do que affirmo apresento-lhes ao acaso alguns exemplos.

Em Londres n'um bairro popular vi marcado por valor correspondente a 3\$000 réis um fato que pouca gente em Lisboa teria vergonha de usar; por 1\$000 réis umas botas resistentes, por 500 réis uns sapatos de senhora, por 300 réis umas botas de criança e assim successivamente.

Em Rotterdam vende-se um chapéu de coco por 700 réis, um sobretudo muito decente para homem por 3\$300 réis, um fato por 3\$000 réis, um vestido para criança de 7 annos por 950 réis.

Na Belgica e na França os preços não andam longe d'estes.

O mobiliario guarda proporções semelhantes.

Estão vendo que até aqui lhes tenho fallado apenas da vida vegetativa.

Mas o homem para bem merecer o nome que o colloca em serie aparte dentro da zoologia, para se distinguir dos outros animaes, precisa ter outras necessidades. Para se ser homem é necessario ter-se intellectualidade. O facto de trazer as mãos no ar é um signal insufficiente para classificar um homem. E' apenas o exterior, como

o ramo de louro a uma porta pode ser signal de vinho. Sabem muito bem que bastas vezes nas lojas que assim se enfeitam, se vendem zurrapas de todas as castas, mas vinho é que nem uma gotta. Assim tambem, vêr um animal de mãos no ar, deve apenas fazer-nos suspeitar que seja um homem.

Para ter a convicção é preciso fazel-o dizer alguma cousa que revele no portador um cerebro com aspirações e pensamentos.

Ora a intellectualidade começa a manifestar-se pela arte. O sentimento artistico é o primeiro a despertar no bipede que evoluciona.

E esse alvorecer manifesta-se pelo amor aos objectos artisticos, pela sua comprehensão, pelo desejo de viver com elles e de os adquirir.

O homem que entre duas cadeiras sabe escolher a de linhas mais harmonicas, a mais artistica, digamos, revela educação, personalidade, intellectualidade em summa. A mulher que dispõe bem a sua casa, que pensa no quadro; na gravura, na estatueta de barro, no vaso de flores, e sabe dispôr tudo de accordo com os seus moveis, cuidando d'elles com amor e carinho, sabendo por assim dizer, insuflar em tudo quanto a cerca, alguma cousa da sua alma, essa mulher é um ser intellectual, susceptivel de toda a educação.

Ora comprehende-se que ninguem possa amar a arte, traduzida em obras artisticas, sem vêr alguma produção esthetica a todo o momento, sem conviver com ella, sem a possuir.

Ora, meus senhores, essa posse que fóra d'aqui qualquer pessoa pode gosar, porque a arte prodigalisa-se, apparece em toda a parte, multiplica-se, em Portugal está reservada apenas aos ditosos da fortuna.

A arte popular não existe no nosso paiz, não pode existir porque os artistas são raros e mais não podem apparecer porque o povo não convive com a arte, não tem modelos que lhe façam açcordar vibrações latentes da alma.

E' como veem um circulo vicioso.

O recurso seria deixar entrar livremente o producto artistico estrangeiro.

Mas em vez d'isso é o contrario que succede. Lá está o fisco dictando a sua sentença de morte contra toda a possibilidade de civilisação.

Umás estatuetas de barro que custaram 20\$000 réis pagaram na alfândega 30\$000 ou seja 150% do seu valor.

Vejam se d'este modo será possível fazer progredir um povo.

Podemos mudar de ministerio todas as semanas, de instituições cada semestre, podemos mudar de pelle, podemos deixar de ser governados por velhos de miolo endurecido, podemos chegar até ao cumulo de termos conselheiros sabendo ler e escrever

e ministros sabendo contar que enquanto o paiz não se erguer n'um clamor unisono e não queimar n'uma fogueira a pauta das alfandegas, havemos de continuar a ser a mesma raça de escravos da miseria, isolada da civilisação por um fosso de estupidez.

Não pode haver imbecilidade maior do que fazer proteccionista, d'um proteccionismo feroz, um paiz que nada produz.

Proteccionista como nós, em toda a Europa, só a nossa irmã Hespanha, miseravel tambem, apesar dos seus grandes recursos, incomparaveis aos nossos.

Nação pequena é que não ha nenhuma no velho continente, nem nos novos, com um fisco que mesmo ao de leve se assimelhe ao nosso.

Quando no estrangeiro se dão a conhecer os direitos da nossa pauta, ninguem ha que não se ria, limitando-se os menos crueis, os que não se atrevem a rir, a perguntar se um paiz n'estas condições ainda vive.

Aqui está, meus senhores, uma grande campanha a fazer e bem merecia o levantamento em massa, d'este povo cheio de energia e capaz de trabalhar se o deixarem livremente buscar as materias primas para o trabalho.

Deixassem-no alimentar-se, dessem-lhe machinas, dessem-lhe tuão quanto o genio humano tem descoberto para augmentar as suas commodidades e praseres e veriamos como todas as miserias iriam desaparecendo.

Sabem que os nossos legisladores, como quem diz, os poetas do parlamento, imaginam curar os males sociaes de que soffremos com a droga das leis. Com muitas leis, atropelando-se umas ás outras, a mais moderna sendo sempre mais idiota que todas as antigas, imaginam resolver alguma cousa, como se a natureza que elles nunca se lembram de consultar quando sujam o papel de tinta, fizesse algum caso dos artigos e paragraphos que lhes purgam do miolo.

Innocentes creaturas que suppõem curar com palavras o que apenas se póde curar com pão e com actos.

Assim se pretende destruir o analfabetismo, assim pensam em tratar a mendicidade, pelo mesmo processo tentam remover todos os embaraços que a pertinacia no erro nos creou desde a crise colonial, á crise vinicola, á crise de patriotismo e á crise de character.

Contra o analfabetismo fez-se uma lei d'ensino obrigatorio, como se os que constituem a massa enorme de analfabetos fossem ignorantes por prazer e não por necessidade.

Já lá vae o tempo em que os paes deixavam de mandar o filho á escola por desconhecerem a utilidade de saber ler. Se isso ainda hoje succede não é a regra, constitue mesmo a excepção rara.

O que se encontra é centenas de milhares de paes que não

tem pão para dar aos filhos, nem vestidos para os cobrir, em consequencia da atribulada situação que lhes esbocei.

D'esse modo o recurso é ir para a rua mendigar, ou produzir uns miseros cobres n'um trabalho que atrophia os órgãos, ainda por formar e embrutece um espirito que nunca desabrocha porque o terreno em que se desenvolve é arido e o meio nocivo a todo o progresso intellectual. D'essa turba multa que nunca vae á escola e d'outra não menor dos que por ella passam sem se educarem, sem formarem o character, sae este paiz de barbaros, sem disciplina, sem principios, facil de explorar por todos os traficantes, predisposto a aceitar quantas violencias a astucia possa aproveitar em seu beneficio.

De que pôdem servir pois as leis de ensino obrigatorio emquanto não houver pão para dar a quem tem fome?

Eis senhores a cadeia de raciocinios que me levam a apresentar como uma questão magna n'este paiz a criação das cantinas escolares.

Na situação em que nos encontramos, o filho do operario vê-se frequentemente, acossado pela fome, obrigado a procurar a subsistencia pelo seu esforço proprio.

Se os bracitos já pôdem fazer o sacrificio de mecher com uma alavanca entram para a officina; se porém a sua força é minguada a ponto de não ter valor, a mendicidade é o seu unico recurso. Mas ha ainda outros motivos agravando o mal.

Pela má organização do trabalho e pela situação de inferioridade e inteira dependencia em que entre nós se colloca a mulher na familia operaria, o homem é o unico a produzir. Eis uma outra causa de difficuldades economicas na familia operaria portugueza.

Nós não temos situações independentes para mulheres.

N'esses paizes em que lhes fallei a mulher cria a sua situação independente, do mesmo modo que o homem. Se as suas tendencias a levam a constituir familia, fal-o mantendo uma linha de egualdade no casal, onde tanto valem um como o outro.

N'essas condições não é escrava, mas companheira, associada na lucta pela vida, senhora do seu futuro, dona do seu lar. Se um fraqueja, o outro multiplica as suas forças e difficilmente a miseria, a sordida miseria que rebaixa o nosso estado de civilização, poderá invadir o interior d'uma familia de trabalhadores honestos.

Aqui porém a miseria abjecta que nos envergonha em todos os confrontos, revelada na habitação immunda, no pé descalço, na pelle suja, no completo descuido pelo acceio individual, no desprezo da hygiene, são consequencias fataes das condições creadas pelas leis, cujos effeitos valem por crimes monstruosos.

Veem como tudo se conjuga para tornar tragica a situação das creanças em edade escolar. E comprehendem bem como é disparatada n'este paiz uma lei de ensino obrigatorio. Quer dizer uma

lei como todas as outras que temos, uma ingenua, ou malvada theoria sem viabilidade de nenhuma ordem.

Fez-se e promulgou-se porque outros paizes tambem a promulgaram. Imitou-se o figurino sem tratar de saber o corpo que tinha de o vestir.

Oh! a grande mentira que é a nossa civilisação.

Como se illudem aquelles que pelas nossas leis pretendem estudar o nosso estado de cultura social.

*

* *

Das considerações que acabo de fazer deprehendem o valor de uma lei repressiva de mendicidade, da prostituição de menores, da vadiagem e outros flagellos sempre crescentes que infestam a nossa capital e os centros mais populosos do paiz.

Todas estas miserias não passam de symptomas d'um mal unico e profundo que não póde ser atacado por palliativos.

Tenho tratado de lhes mostrar a doença na sua origem, fazendo aquillo que em medecina se chama a pathogenia, para lhes fazer comprehender qual deve ser o tratamento radical.

As dores de dentes não se curam com cataplasmas na face, embora esta appareça inchada. E' preciso ir limpar a caria, esvasiar o abcesso formado, ou extrahir a raiz.

Pois a lei repressiva da mendicidade é uma cataplasma applicada á fome, causal do triste estado.

Poder-se-ha argumentar com a mendicidade-vicio, exercida como meio de vida lucrativo. Mas é preciso ver que a abjecção anda sempre espreitando onde ha miseria, para á sombra d'ella se desenvolver.

Remedeie-se a miseria que o vicio fugirá por lhe faltar capa com que se cubra.

Continuando a deduzir, vamos gradualmente percorrendo a escala de todas as affecções moraes que nos deprimem socialmente.

Da fome, chegamos á miseria, ao analfabetismo, á mendicidade.

A falta de educação explica-se, nas classes inferiores pela falta do tirocinio escolar, nas classes illustradas pela athmosphera de mentira em que se vive. Todos sentem á roda de si a falsidade.

Falsas as leis, falsos os principios que as geraram, falsa a applicação, falsa a obediencia ás monstruosidades que ellas mandam.

A desordem começa porque raros se submettem, cuidando cada qual de descobrir a melhor mentira para se defender da violencia.

Sendo nulla a educação, frouxo o character, tibia a personalidade, a indisciplina não póde deixar de existir.

E eis-nos chegados á ultima de todas as miserias, a maior de

todas as calamidades que n'este momento affligem a familia portugueza.

A indisciplina generalisou-se desde as cumiadas do poder á infima ralé, á escoria humana, á população do esgoto que chafurda no vicio e no crime.

Em Portugal, apparentemente tão afivelado a leis, não ha uma unica lei respeitada. Não ha um principio, uma ideia, uma noção que penetre todos os espiritos, ou sequer uma maioria que se imponha.

O que queremos nós os portuguezes?

Ninguem o saberá dizer, porque falta a disciplina mental indispensavel a toda a vontade livre.

Convém aqui notar que não se deve confundir a indisciplina com a revolta. São duas ideias distinctas e até oppostas. Tão prejudicial nos é a indisciplina, como necessaria a revolta.

Revoltados tem obrigação de ser todos os portuguezes dignos, no momento que vamos atravessando.

Dentro d'esta revolta cabem todos os que sabem comprehender a ideia da patria, cabem os egoistas intelligentes, cabe todo o mundo que trabalha, conservador, ou avançado, póde caber um catholico, um atheu, um democrata extreme e um rei patriota. Basta ser-se honesto e intelligente para n'este momento se ser um revoltado.

A revolta será a reacção salutar d'um organismo, desaproveitando apenas aos parasitas que devoram as nossas energias.

Ora essa revolta ha-de nascer da disciplina creada nas escolas.

*

* * *

A necessidade das cantinas escolares está mais do que provada.

E' preciso encher as escolas, tornando effectivo o ensino obrigatorio, ou melhor dizendo, generalizando o ensino. São poucas as que existem mas os alumnos em raras são sufficientes para prehencherem os logares.

Tudo isso, por meio das cantinas, ha-de conseguil-o a iniciativa particular.

A todos os portuguezes compete, sacrificando um pouco do seu tempo e do seu dinheiro, essa obra que póde muito bem marcar uma epocha na metamorphose d'este povo.

Na campanha do *Seculo* em que tive a honra de cooperar, foi este um dos principaes objectivos do trabalho ali effectuado.

Todos quantos n'essa tarefa deram o melhor da sua actividade, e poucos não foram elles, reconheceram o grande proveito que a nação podia colher da instituição e a urgente necessidade de vulgarisar esse meio seguro de fazer civilisação, de promover a cul-

tura, a educação, o progresso moral, intellectual e physico, da familia portugueza.

Em artigos e conferencias insistiu-se por largo tempo, voltando a questão pelos lados mais sensiveis, de modo a chamar as attentões para um assumpto de que andavam inteiramente distralidas. Durante cinco longos mezes o *Seculo* occupou-se quasi diariamente das cantinas e balneareos escolares que para nós são agora uma novidade modernissima e os paizes cultos teem já como instituição madura, bem organizada, desde algumas dezenas de annos.

Que esses esforços não foram palavras ao vento attesta-o esta reunião e o interesse que todas as classes sociaes teem manifestado pelo generoso auxilio e sympathia com que vão alentando este começo.

E' uma grata compensação para quantos na lucta se empenharan, este nucleo de boas vontades que se reuniram para a execução do empreendimento. E o mais consolador é que tudo vae provando que já se começa a fazer a devida justiça ás boas intenções de quantos se dedicaram a uma obra que nunca poderá ser medida pelas fadigas que custou.

E' de esperar que não tarde muito o momento de se reconhecer a utilidade d'esta iniciativa do *Seculo* collocando-a entre as acções mais proveitosas da imprensa, na sua missão civilisadora, dos ultimos tempos.

Não deixaria de valer a pena expôr-lhes largamente o que se quiz e porque se quiz, o que se fez e porque se fez. Mas isso levar-nos-ia muito tempo e affastar-nos-ia do caminho que vamos seguindo.

Um ponto porém não deixarei de lhes fazer notar, chamando-lhes a attenção para um dos alvos constantemente visados pela campanha.

Pensou-se sempre em despertar a iniciativa particular, entre nós quasi adormecida pelo narcotico do Estado-Providencia, em que a maioria dos portuguezes ainda confia. Todos conhecem bem a tendencia que n'este paiz se manifesta para pedir a aza protectora do Governo, como quem diz o braço vigoroso do Estado, para salvaguarda de todos os males e remedio a todas as desgraças.

Se ha fome, se ha trovoada devastadora, se ha estiagem que tudo queime, se ha vinho a mais, se pão a menos, se o mar avança, ou não dá peixe, é seguro o brado repetido ora em Lisboa, ora nas provincias, clamando pelas providencias do Governo. E' constante esse appello, já existindo até uma phrase feita que n'esses momentos circula pelos jornaes.

Por exemplo:

«O vinho d'esta colheita está todo nas adegas. Os lavradores

«andam desalentados, tendo resolvido fazer uma representação aos «poderes publicos. O que fará a isto o Governo?»

Mudando duas ou trez palavras, eis o grito que chega constantemente de toda a parte.

Ora depois de tantos annos de dura experiencia já todos deviam estar persuadidos da vantagem de pedir ao Governo justamente o contrario, isto é, que esteja quieto, que não faça nada, que não providencie, porque o maior dos nossos males é terem os Governos providenciado com tanta exuberancia. Providenciar é fazer uma lei e fazer uma lei, tem sido em Portugal, por via de regra, fazer uma asneira.

O que nós precisamos é de destruir todas as leis que temos, pois em quasi todas ellas ha impecilhos ao trabalho, á concorrencia, á iniciativa, á produção da riqueza.

Quanto ao mais, crie-se um espirito forte para resistir ás contrariedades, uma vontade firme para entrar em lucta contra as difficuldades da vida e deixe-se ao Governo o seu papel de regulador nas nossas contendas, forçando-o nas horas vagas a destruir a obra retrograda do passado.

A acção da iniciativa particular começa felizmente a revelar-se pelo paiz e esta freguezia de Alcantara é sob esse ponto de vista um modelo que nos honra, porque tem sido aqui prodigiosa.

Não a tendo o Estado provido de escolas e comprehendendo a freguezia a necessidade da instrucção popular, criou-as e mantém-nas.

Não tem edificios proprios, não conseguiu ainda o que já se conseguiu por exemplo, em algumas communas de Bruxellas, mas lá chegará um dia.

E, visto que lhes fallei de Bruxellas, cito-lhes o modelo da escola communal de Schoerbeck que assombra os mais prevenidos, pela sua grandiosidade. Esse bello edificio chega a ser um monumento á liberdade, attestando quanto pode valer o povo quando tem nas mãos a sua autonomia e o seu inteiro poder de iniciativa.

Em Portugal esboça-se um futuro semelhante no interesse que o povo está tomando pela administração da freguezia. E' incalculavel ainda o alcance d'um tal movimento, mas não será preciso ser propheta de largos vôos para ver ahi o alvorecer do patriotismo moderno, consciente e pratico que nos ha-de trazer em breve a soberania popular bem exercida, o cerceamento dos poderes centraes, o interesse publico bem comprehendido e no fim de tudo a probidade e a honestidade no exercicio do poder em todas as espheras.

Dentro d'esta doutrina se encontra o motivo que levou a freguezia de Alcantara, ha tanto tempo possuidora da nitida comprehensão do futuro, a tomar com todo o enthusiasmo a iniciativa das

cantinas escolares. D'antemão estava previsto que assim devia ser, sabendo-se como ella tem a consciencia do seu valor.

Pela minha parte, tendo vindo aqui, para dar o meu parecer sobre a obra a executar, apenas me atreverei a fazer sentir a necessidade de crear as cantinas em bases que lhes marquem nitidamente o caracter de assistencia mutua.

No paiz dos mendigos é muito perigoso fazer obras de caridade absoluta, d'essas que apenas distribuem esmolas.

Tratando-se de uma instituição para creanças, facilmente se criam parasitas, pela errada noção que se lhes dá de que alguma cousa se póde conseguir sem trabalho.

Fui sempre contra a cantina gratuita, seja onde fôr. Mas se em alguma parte ella poderia admittir-se, em Portugal e sobretudo em Lisboa, seria uma obra immoral.

Estabeleça-se uma quota variavel, um preço que possa descer a ponto de estar ao alcance do mais pobre, mas adopte-se a disciplina de fazer apresentar á creança em troca d'um serviço, alguma cousa que represente um valor.

A esmola não deve existir, é uma immoralidade, é uma covardia, uma baixeza pedir. Eis a noção que se deve enraizar no cerebro da creança.

Tudo isso se póde conseguir com uma senha que os paes adquiram até por um real.

Sejam as senhas todas eguaes á vista das creanças, apenas differindo no preço por que os paes as pagam.

Se este modo de ver fôr tido á conta de phantasias educativas, nem por isso deixará de ser mais firme a minha convicção, na sua utilidade.

A cantina deve tambem ser para as creanças do sexo feminino uma escola de arranjo e economia domestica. Esta ideia que advoguei em artigos do *Seculo*, durante a propaganda, encontrou já realisada em Bruxellas com a maxima perfeição.

As raparigas das escolas vão ali por turnos semanaes e fazem todo o serviço sob a direcção d'uma professora de *menage*.

Uma faz o rol, outra a cosinha, outra passa roupa, outra lava a louça e assim cada uma successivamente se vae exercitando nos deveres caseiros. D'este modo se tornam donas de casa de primeira ordem, das primeiras do mundo, ouvi dizer.

*

* *

Já vae longa a palestra e necessario se torna dar-lhe fim.

Por mais esforço que empregasse não me seria possivel condensar em menor numero de palavras o assumpto tal como desejava apresental-o.

Alguns pontos houve que, por me parecerem muito interes-

santes, mereciam ser desenvolvidos, mas se a tal me decidisse não passaria do começo. A analyse da questão pautal, só por si, valia não uma conferencia, mas centenas d'ellas, mais claras e persuasivas que este desenfastiado cavaco com que vos estive cançando. Se porém eu o não fiz, estou certo de que alguém vós procurareis para o tratar, esclarecendo-o, pondo-vos nitidamente o problema com todos os seus horrores, de modo a encher-vos de paixão por elle.

E' urgente civilisar o paiz e o paiz civilisa-se tornando-o livre. Ora a liberdade não deve ser uma palavra declamatoria de sentido indeterminado, mas um termo reduzido a factos concretos.

Precisem-se nitidamente esses factos, disponham-se por ordem e cumpram-se um a um.

Ora parece-me que o primeiro, o mais necessario é a liberdade de viver, como garantia do direito á vida, coisas que em Portugal não existem.

As leis impondo a fome, negam o direito á vida, executam a morte lenta.

Pois, senhores, oxalá que os portuguezes tão desunidos por odios cujas origens outros que não eu, pódem descobrir, n'um voto, ao menos, se unam todos e proclamem com uma vontade digna de homens, este principio bem singelo:

Queremos viver.
